

Safim

Editores
João Rocha
Filipe Themudo Barata

cafe
d'ose
óplo

- Prefácio**
Ana Telles
- 10**
Introdução
António Candeias
- 11**
O olhar como maneira
João Soares
- 16**
Arquivos de Cidades
João Rocha
Filipe Themudo Barata
- 30**
Gente de Safim
Filipe Themudo Barata
- 34**
Porquê Çafim?
Variações em torno de um nome
Fernando Branco Correia
- 42**
De Marrocos a Safim.
Retratos de viagem
João Rocha
Filipe Themudo Barata
- 56**
Pela Costa de África
Filipe Themudo Barata
- 66**
Capital de um destino
João Rocha
- 82**
Arquivos Fotográficos
João Rocha
- 128**
A Semi-Insularidade de Safim.
Os desafios da patrimonialização
Ana Neno Leite
- 142**
Caminhos de oração na costa litoral de Safim.
Um património ameaçado
Fouad Rhouma
- 154**
Biografias
- 158**
Créditos de Fotografias

Coleção
Arquivos de Cidades

Título
Safim

Editores
João Rocha
Filipe Themudo Barata

Conselho Científico
António Candeias (Univ. Évora)
João Lopes Filho (Univ. Cabo Verde)
Marco Ferrari (Iuav, Venezia)
Raj Isar (Aga Khan Trust for Culture)
Sara Bonin Baraldi (Politécnico di Torino)
Hassin Kamil (Univ. Cádi Ayyad, Marraquexe)

Coordenação Editorial Volume 1
Francisca Queiroz

Investigação Arquivos
João Rocha
Francisca Queiroz

Design gráfico
Sónia Teixeira Pinto

Design da capa
João Rocha
Sónia Teixeira Pinto

Ano de edição
2023

Depósito legal: 516697/23
ISBN: 978-989-658-818-2
DOI: <https://doi.org/10.30618/978-989-658-818-2>

© CALEIDOSCÓPIO – Edição e Artes Gráficas, S.A.
Rua Cidade de Nova Lisboa,
Quinta da Fonte do Anjo n.º 1-A
1800-108 Lisboa – Portugal
www.caleidoscopio.pt
Tel.: (+351) 219 817 960
Fax.: (+351) 219 817 955
E-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt



© João Rocha
© Filipe Themudo Barata

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma e por qualquer meio eletrónico, mecânico ou outro sem a autorização escrita dos proprietários dos direitos e do editor.

Apesar de terem sido realizados esforços para identificar todos os detentores de direitos de imagens, houve um pequeno número de imagens com autor não localizado. Os editores farão as diligências necessárias para colmatar essas omissões e para corrigir alguma que possa se verificar.

Este livro foi sujeito a revisão por pares.

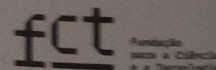
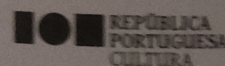
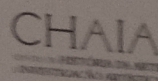
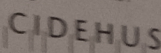
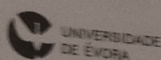
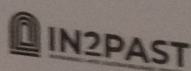
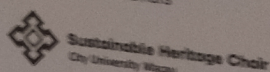
Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/00057/2020 e projeto UIDB/00112/2020.

Com o Alto Patrocínio

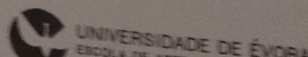
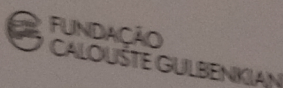


Embaixada de Portugal em
Rabat

Apoios Institucionais



Parceiros Institucionais



Fernando Branco Correia

Licenciado em História (FL), mestre em História Medieval pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH), com formação em Língua Árabe em Portugal e no *Institut Bourguiba des Langues Vivantes* (Tunísia), é doutorado pela Universidade de Évora com uma tese intitulada *Fortificação, guerra e poderes no Garb al-Andalus - dos inícios da Islamização ao domínio norte-africano*. É professor do Departamento de História da UÉvora onde tem leccionado *Introdução à Língua e Caligrafia Árabe*, *História do Mundo Islâmico*, *História de al-Andalus*, *Techniques du Monde Arabe-islamique* (Master Erasmus Mundus TPTI) e História Medieval. Lecciona, igualmente, *Língua Árabe 1 e 2*, colaborando em *Introdução à Arquitectura do Mundo Islâmico e Magrebe* (coord. de J. Rocha). Foi curador da exposição *Yáburá: Islamic Evora* (2015). Entre as suas publicações destaca-se *Elvas na Idade Média* (ed. Colibri, 2014 - Prémio Pedro Cunha Serra pela Academia Portuguesa da História). É co-autor de *Do Estreito ao Ocidente do al-Andalus* (Fund. El Legado Andalusi - Junta da Andalucia, 2010) e de *Portugal uma Retrospectiva - 929* (com Santiago Macias), Ed. Público - Tinta da China (2019; 2022). Traduziu e colaborou em traduções como *Contos do País dos Sufis* (Assirio & Alvim) e tem publicado artigos sobre a cidade de Fez - Fès (Fondation Benjelloun Mezian - Ed. Almed, Granada, 2018) e sobre temas relativos ao Cinema de expressão árabe (com CEAUP - UPorto, 2017). É um dos editores da revista *Hamsa - Journal of Judaic and Islamic Studies* (Cidehus-UEvora).

Abreviaturas / Arquivos

Portugal

BAA-FCG - Biblioteca de Arte e Arquivos - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
BNP - Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa
CPF - Centro Português de Fotografia, Porto
CEVC - Centro de Estudos Vergílio Correia, Condeixa-a-Velha
AMTG - Arquivo Manuel Teixeira Gomes, Portimão
DRC-MQM - Direção Regional da Cultura, Museu Carlos Machado, Ponta-Delgada, Açores
SD - Espólio Suzanne Daveau, Câmara de Lobos

França

BnF - Archive Bibliothèque Nationale de France
MAE-CADN - Ministère de L'Europe et des Affaires Étrangères-Centre des Archives diplomatiques de Nantes.
MCF-MAP - Ministère de la Culture, Médiathèque de l'architecture et du patrimoine, diffusion RMN-GP

Marrocos

AMPM - Archives de la Maison de la Photographie, Marrakech
ADPCM - Archives de la Direction du Patrimoine Culturelle du Ministère de la Culture du Maroc, Rabat
MCS - Ministère de La Culture, Délégation de Safi, Royaume du Maroc

Itália

FMCV - Archivio Palazzo Fortuny, Fondazione Musei Civici Venezia

Fouad Almarsawi

É natural de Safim, no coração da medina. Fouad Rhouma iniciou, depois do Bac, uma longa jornada migratória, como aluno e professor; entre alteridade, ciência e consciência. Formado em Ciências Sociais, com mestrado em França, em Socio-antropologia sobre cooperativas de pescadores e tese na Suíça, em Antropologia Marítima, sobre Imaginação Costeira. Atualmente vive numa comunidade piscatória (Cap Cantin, Beddouza), dedicando-se à valorização do património tangível e imaterial da região de Safim.

Porquê Çafim? Variações em torno de um nome

Fernando Branco Correia

Çafim - equacionou-se ter este vocábulo como título. Optou-se, porém, por uma grafia actual, moderna, facilmente inteligível por todos. E, no entanto, conseguimos ler – embora com estranheza e com uma sensação de antiguidade, vetustez ou pedantismo – esta antiga grafia: Çafim.

Esta foi, de facto, uma das formas usadas para grafar o nome de uma importante localidade da costa do que hoje é o Reino de Marrocos.

Até inícios do século XX a grafia Çafim era aceitável. Um dos melhores exemplos da utilização desta forma, para não se ser exaustivo, está em Vergílio Correia, polígrafo, historiador de arte, arqueólogo, académico, além de fotógrafo, que a usou e difundiu em trabalhos académicos como, por exemplo, na obra *Lugares Dalém: Azemór, Mazagão, Çafim*, uma compilação de conferências suas¹.

Esta é a grafia que se encontra em obras anteriores, razão que deve ter pesado na sua opção por uma ortografia vetusta mas também impatante e próxima da época das primeiras crónicas sobre a cidade.

De facto, a Crónica de Dom Manuel, de Damião de Góis, utilizada de forma proveitosa por Vergílio Correia, deve ter sido uma obra que bastantes influência teve em vários autores e neste investigador ainda hoje incontornável para quem se dedique a estudar esta cidade no século XVI.

A primeira edição desta crónica, do ano de 1566, encontrar-se-á Çafim, o mesmo se verificando se se consultar um exemplar da edição de 1749. A edição de 1909-10 – ainda com grafia pré-republicana – mantém a grafia Çafim e o mesmo se verifica na edição de 1926², preparada por Teixeira de Carvalho e pelo arabista David Lopes, publicada pela Universidade de Coimbra – cidade a que V. Correia sempre esteve ligado.

Ou seja, até ao fim do período da I República era comum encontrar-se a grafia Çafim em obras de divulgação. Não é de estranhar, por outro lado, que as obras de publicação de fontes históricas escritas a usassem, na medida em que se pretendia, numa fase em que a historiografia dominante era positivista, ser-se fidedigno e o mais próximo possível do original na sua forma manuscrita. Assim, encontra-se igualmente Çafim no *Archivo Historico Portuguez*³, em documentos transcritos no *Corpo Chronologico*⁴, ou em outras obras de cariz erudito e nas quais se publicam fontes

1 Vergílio Correia, *Lugares Dalém: Azemór, Mazagão, Çafim*, Lisboa, 1923.

2 Damião de Góis, *Crónica de Dom Manuel*, Parte II, III e IV, Lisboa, 1909-10.

3 Anselmo Braamcamp Freire e José da Silva Passanha, *Archivo Historico Portuguez*, vol. 1, Lisboa, 1903.

4 Obra cujo original se encontra no Arquivo Geral da Torre do Tombo.

escritas que tentam ser o mais próximas possíveis dos textos originais.

Durval Pires de Lima publica uma das últimas obras em que se escreve intencionalmente Çafim – na sua *História da Dominação Portuguesa em Çafim*⁵, de 1930, uma obra evocadora do passado distante, com uma visão de feitos gloriosos, ancorando a narrativa a grafias antigas.

Por outro lado, o arabismo português pode ter também contribuído para que esta grafia se mantivesse nas primeiras décadas do século XX. David Lopes, filólogo e então a maior autoridade nesta matéria, ao detectar uma série de incongruências na forma como Alexandre Herculano escrevia palavras de origem árabe, redigiu uma obra ainda hoje útil para perceber a relação da língua portuguesa com a arábica; trata-se de *Os Árabes nas obras de Alexandre Herculano*⁶, uma obra ainda hoje insubstituível em muitos aspectos. Aí, embora de forma discutível nos nossos dias, David Lopes tenta estabelecer uma norma para transliterar palavras de origem árabe. Com tipos de letra limitados na altura, o arabista acaba por propor que “Ç” represente os sons de duas letras com sons aproximados: س (sin) e ص (şad). Esta proposta de David Lopes dava cobertura a que se escrevesse Çafim sem se correr o risco de deturpar a correcta transliteração do árabe – dado que em árabe se a palavra se inicia com س (sin). Aliás, a autoridade de David Lopes nesta matéria levou-o a sugerir soluções semelhantes para outros antropónimos e topónimos, como eram os casos de Çuleima e Çoeima, bem como de Çaclab – transliteração da forma arábica com a qual se pretende referir Scalabis⁷.

Por outro lado, o mesmo David Lopes, em obra mais antiga, parece ainda hesitar na equivalência entre “ç” e س (sin), propondo um moderna equivalência de س por “ç” e de ص por “ş” mas, mais à frente, oferece uma tabela de equivalência entre as letras do alifado e as do alfabeto ocidental – possivelmente a primeira vez em Portugal – onde propõe que س e ص se transcrevam com “ç”, apesar de prever outras situações. Se no título do livro se escreve Safim – forma melhor identificada fora do país –, no seu interior é comum a forma Çafim¹⁰ mas também Çafi¹¹, Çafin¹² e até Açafim¹³.

A partir da década de 30 do século XX a escrita mostra tendência para se aproximar das formas mais

5 Durval Pires de Lima, *História da Dominação Portuguesa em Çafim*, Lisboa, 1930.

6 David Lopes, *Os Árabes nas obras de Alexandre Herculano*, Lisboa, 1911.

7 Cf. Çuleima e Çoeima em David Lopes, *Toponymia árabe de Portugal*, Lisboa, 1902; Çoclab em id., “Portugal no tempo dos Mouros”, 1940 – ambos os textos republicados em J. Pedro Machado (org.), *David Lopes, Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, Lisboa, 1968.

8 David Lopes, *Textos em Aljamia Portuguesa*, Lisboa, 1897, p. XX.

9 *Ibid.*, p. XXVI e XXXVIII.

10 *Ibid.*, pp. 83, 95, 122-123, 127, 132-133, 139.

11 *Ibid.*, p. 87, 88, 91, 101, 116, 117, 118.

12 *Ibid.*, p. 138.

13 *Ibid.*, p. 47, 55, 57, 73, 77.

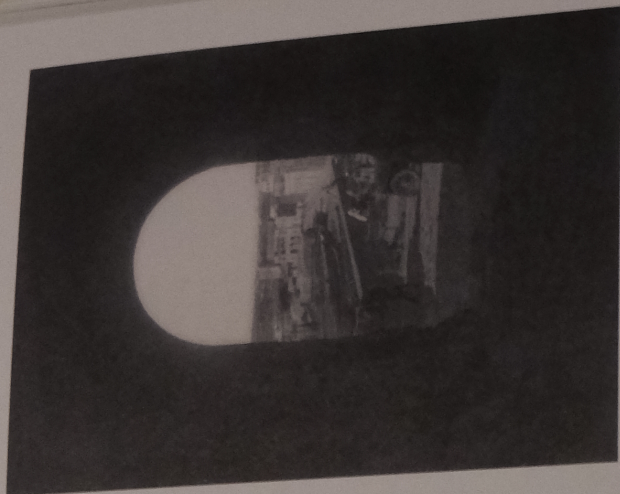


Fig. 6
Vista do porto através da porta do Castelo do Mar.
fotografia de Vergílio Correia, 1923

comummente usadas em outras línguas ocidentais. A grafia em francês – língua de administração em Marrocos – é Safi, o que deve ter sido determinante para que outros idiomas optassem, ou mantivessem, grafias semelhantes. Esse novo paradigma está presente numa obra marcante, a saber, a História de Portugal, dirigida por Damião Peres – a famosa “edição de Barcelos” – na qual David Lopes colabora, usando sempre a grafia Safim¹⁴. É de crer que, pela grande difusão que esta obra teve – contrariamente aos estudos antes referidos e de circulação mais restrita e especializada – que Safim passasse a ser a forma definitiva em Português a partir de então.

Çafim, porém, não morreu totalmente, sendo usada pelos mais puristas, para quem a ortografia arcaica os aproxima mais da realidade passada. Está presente na reedição, profundamente revista, da *Aljamia* de David Lopes, embora menos vezes que na anterior¹⁵. É também o que se passa com um recente reedição da *Crónica de Rei Dom Manuel*, de Damião de Góis, onde se mantém a grafia “Çafim”¹⁶, na medida em que na mesma se realça o facto de reproduzir as edições mais antigas.

A pergunta inicial envolve também outra questão: a da antiguidade da relação de Çafim, Safim ou Açafim com a costa ocidental da península Ibérica e de como a origem do seu próprio nome foi relacionado com gente de Lisboa.

Quem dá a chave dessa relação antiga é al-Idrīsī – ou Edrici – geógrafo espantoso do século XII, originário de Ceuta (1100), bom conhecedor da cultura do al-Andalus e que escreveu um compêndio geográfico ao serviço da dinastia normanda que administrava uma Sicília multicultural (onde morreu em 1165 ou 66).

Na sua obra principal, organizada por regiões e por cidades¹⁷, al-Idrīsī fala de Çafim – Safi – Asafi e de Lisboa. Diz que aquela localidade é habitada por vários grupos berberes (al-barābar, dos grupos Rajraja, Zawda e outros) e que “era antigamente a última paragem dos navios; nos nossos dias é possível avançar quatro jornadas marítimas (ou seja, 400 milhas)”¹⁸; acrescenta que de aqui saem os barcos quando o “mar tenebroso” está calmo e o tempo tranquilo. E diz que a etimologia do nome desta localidade portuária será explicada quando falar sobre Lisboa.

14 Damião Peres, *História de Portugal*, Portucalense Ed., 3^o vol., 1931.

15 David Lopes, *Textos em aljamia portuguesa: estudo filológico e histórico*. Nova ed. inteiramente refundida. Lisboa, Imprensa Nacional, 1940.

16 Damião de Góis, *Crónica de Felicissimo Rei Dom Manuel*, edições Verical, em 2014, esta edição refere que segue o mais próximo possível a edição princeps de 1566-67, cotada pela edição de 1749.

17 O nome original desta sua obra de al-Idrīsī é, transliterando, *Muḥḥat al-muḥḥat fi ikhtirāk al-afāq*; fixação do texto em árabe: al-Idrīsī, *Opus Geographicum*, Instituto Universitário Orientale di Napoli e Istituto per il Medio e Estremo Oriente, Nápoles-Roma, 1975; edição e tradução francesa da parte respeitante ao ocidente: R. Dozy e M. De Goeje, *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, Leiden, 1968, t. I, p. 549-549, tr. p. 223-224.

18 Idrīsī (ed. R. Dozy e M. De Goeje, *Description...*), fl. 74, trad. p. 84.

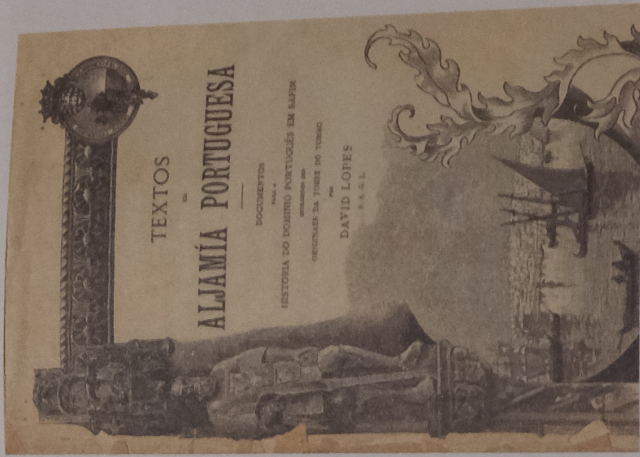


Fig. 7 David Lopes, *Textos em Aljamia Portuguesa. Documentos para a História do Domínio Português em Safim*, 1^a ed., Lisboa, 1897

E, assim, ao descrever longamente essa Lisboa andalusina do século XII informa que foi daí que saíram uns quantos aventureiros, da mesma família, construíram um barco e que, com mantimentos para muito tempo, se lançaram ao desconhecido pelo mar tenebroso¹⁹. Depois de muitos dias no mar, depararam-se com um mar com cheiro fétido, mudam de rumo e arribaram à ilha a que chamaram “dos Carneiros” (Madeira?); procurando outro rumo, aportando a uma cidade portuária habitada por homens muito altos e louros, e com mulheres de rara beleza; foram detidos mas ao fim de quatro dias surgiu um tradutor que falava árabe (língua então comum para os lisboetas) e, depois de se explicarem o rei colocou-os, de olhos vendados e mãos atadas, numa embarcação que os deixou, dessa forma, numa terra muito distante. Estes lisboetas, ao ouvirem vozes ao longe, pediram socorro e acabaram por perceber que estavam em terras de berberes e, então, terão dito: wa asafi (David Lopes escreveria, eventualmente,

19 Acontecimento marcante que teria tido lugar eventualmente cerca de dois séculos antes de ser relatado por al-Idrīsī; cf. Ch. Picard, “Récits merveilleux et réalité d’une navigation en océan atlantique chez les auteurs musulmans” in *Mirocles, prodiges et merveilles ou Moyen-Âge*, 1995, Orléans, p. 75-87.

Ua açafi), ou seja, algo como "sinto muito", "que desgraça" - versão semelhante será dada, mais tarde, pelo geógrafo al-Himyari, também ele um norte-africano.

Sem dar muito crédito a estas explicações, origem Safim (ou Çafim), a história desta localidade está inextricavelmente ligada ao mar. Aqui existe uma confluência islâmica com um ribãt na segunda metade do século XII, fundado por Abū Muḥammad Salīh - homem que ganhará aura de santo mas que não garante proteção aos que se aventuram por mar²⁰. Esse alerta respeitante aos perigos do mar pode ter, de alguma maneira, a ver com a presença, nesse momento, de cristãos mais agressivos que se passavam pelo Golfo de Cádiz a caminho da Terra Santa, se bem que nem todos os barcos com cristãos transportavam guerreiros. Na verdade, há notícia da presença de barcos de origem genovesa em Çafim em 1253, seguramente para mercadejar. E não eram quaisquer barcos - nesses viajavam sobrinhos do papa Inocêncio IV, ele mesmo um genovês²¹. Assim, optando pela ambiguidade de uma grafia caída em desuso, evoca-se a necessidade de não esquecer o passado, de o saber ler e, por isso, o poder escrever ou reescrever de formas

diferentes. Para além de ser um convite à leitura de obras algo esquecidas, esta forma arcaica é também um convite à aceitação de outros grafemas e até de outros alfabetos. Essa opção pela alteridade abre novos horizontes, e por isso aqui foi lembrado o texto de al-Iḍrīsī, prova de como os portos e as gentes da península Ibérica e do Norte de África se conhecem e reconhecem desde há muito tempo.

20. Mohammed Cherif, "Quand les saints protégèrent les pèlerins en Méditerranée médiévale", *Archéologie Médievale*, n.º 3, ed. Afrontamento - CAIM, Porto-Marta, 2005, p. 7; essa segunda metade do século é quanto Lisboa já tem outra governação e as relações se podem ter tornado menos fáceis.

21. R. S. LOPEZ, «Civiltà economiche di Genova nel marzo 1253», *Atti della Società Ligure di Storia Patria*, t. LXVI, 1926, p. 177; aussi Bernard Rosenberger, "Ports méditerranéens de la côte méditerranéenne du Maroc. Guerre et commerce", *Archéologie Médievale*, n.º 4, ed. Afrontamento - CAIM, Porto-Marta, 2005, p. 29.

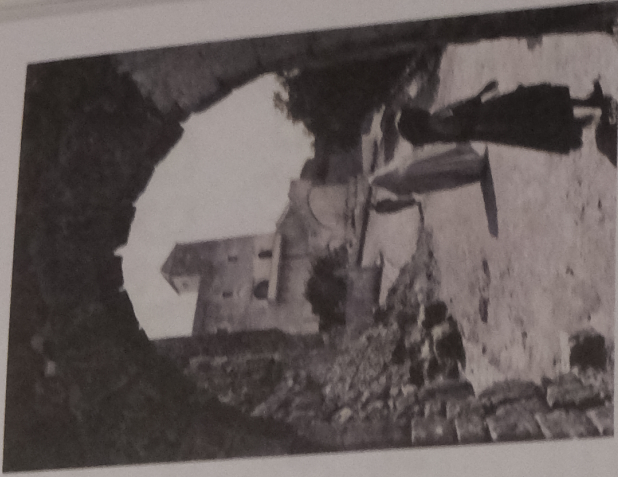


Fig. 8
Vista da Kasbah.
Foto atribuída a Alexandre
Bougault, c. 1930

Arquivos de Cidades (Ar.C) é uma coleção constituída por um conjunto de monografias dedicadas a várias cidades localizadas em três diferentes continentes e como projeto científico e editorial, Ar.C foca as vivências históricas e contemporâneas que se estabelecem em torno do património construído de influência portuguesa nesses lugares. Pretende divulgar o conhecimento sobre esses territórios através do cruzamento de textos de diversos autores, através de elementos gráficos, através de pesquisa realizada em vários arquivos e do uso da fotografia como instrumento capaz de captar uma memória histórica e um quotidiano que se pretende descodificar.

Ar.C descreve cidades transformadas, por vezes musealizadas, com monumentos em ruína, com espaços de migrações e de êxodos rurais, metamorfoses de lugares percorridos por viajantes, fotógrafos, geógrafos, colocando a temporalidade do historiador em diálogo com a (in) temporalidade da arquitetura. Cidades onde se exprimiram desejos de impérios e de colonizadores em forma de arquitetura, e nas múltiplas condições de influência e de necessária sobrevivência.

Arquivos de Cidades, são assim dois termos que se inter-relacionam no palco da "pós-memória", num mapeamento que se ambiciona possibilitador de produzir um renovado contexto de olhar num presente em mutação. O primeiro volume de Ar.C é dedicado à cidade de Safim, situada na costa ocidental de Marrocos.



9 789896 588182